

---

# O Sistema Hegeliano e a Questão da Filosofia Primeira

## The Hegelian System and the Question of the First Philosophy

LINCOLN MENEZES DE FRANÇA<sup>1</sup>

**Resumo:** Um aspecto central do discurso filosófico é a capacidade que deve ter para dar conta de si mesmo; eis o problema da filosofia primeira. Esse problema passa a ter maior gravidade em um sistema filosófico que não admite pressupostos ou asserções, como é o caso da filosofia de G. W. F. Hegel (1770-1831). Neste artigo, analisamos de forma breve o procedimento adotado por Hegel para que o seu discurso filosófico desse conta de si mesmo a partir dos textos da Enciclopédia das Ciências Filosóficas e da Fenomenologia do Espírito. Segundo a perspectiva hegeliana, não há como justificar a filosofia a não ser filosofando. Isso é uma expressão da concepção do pensar como ideia, da verdade como o todo que se implementa na atuação do ser como sujeito, da subjetividade pura. Essa concepção de que a verdade é o todo não permite que exista nada externo à ideia absoluta, constituindo a capacidade do discurso filosófico hegeliano de dar conta de si mesmo, por si mesmo, sem nada externo a si.

**Palavras-chave:** G. W. F. Hegel (1770-1831). Filosofia Primeira. Totalidade.

**Abstract:** A central aspect of the philosophical discourse is that it must have the capacity to account for itself: this is the problem of first philosophy. This problem becomes more serious in a philosophical system which admits no presupposition or assertions, such as the philosophy of G. W. F. Hegel (1770-1831). In this article, we analyze briefly the procedure adopted by Hegel for his philosophical discourse that account for itself from the texts of the Encyclopedia of Philosophical Sciences and the Phenomenology of Spirit. According to the Hegelian perspective, there is no way to justify the philosophy unless philosophizing. This is an expression of a conception of the thinking as idea, the totality like the truth as it is implemented in acting of the being like the subject, the pure subjectivity. This conception of truth not allow anything there is outside the absolute idea, representing the capacity of the Hegelian philosophical discourse to take care of itself, by itself, with nothing outside itself.

**Keywords:** G. W. F. Hegel (1770-1831). First Philosophy. Totality.

### Introdução

O discurso filosófico tem como uma de suas características fornecer os pressupostos sobre os quais se edificam outros discursos, como, por exemplo, o discurso científico. Mas, quem fornece os pressupostos ao discurso filosófico? O problema que aqui apresentamos é o questionamento da filosofia

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação do Prof. Dr. José Eduardo Marques Baioni. E-mail: escrevaparalincoln@yahoo.com.br.

primeira que concerne à capacidade do discurso filosófico dar conta de si mesmo.

Esse é o primeiro problema apresentado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) no corpo do texto que se pretende a exposição resumida de seu sistema filosófico, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, de 1830. É da solução a esse problema apresentada pelo filósofo que será possível a ele iniciar o seu discurso. No entanto, tanto a apresentação do problema, quanto a sua solução não deixam já de ser a exposição do próprio discurso; e aqui já se apresenta a primeira grande dificuldade para a exposição do discurso filosófico, que Hegel não deixa de evidenciar, o problema da filosofia primeira no sistema filosófico hegeliano:

A filosofia não tem a vantagem, de que gozam as outras ciências, de poder *presupor* seus *objetos* como imediatamente dados pela representação; e também como já admitido o *método* de conhecer – para começar e para ir adiante. [...] [HEGEL, 1995 (1830), p. 39, § 1, grifos do autor]

Nessa primeira parte do primeiro parágrafo de sua obra sistemática, Hegel evidencia a aparente desvantagem que a filosofia tem em relação à ciência: a filosofia não pode pressupor os seus objetos e o método de conhecer. Essa desvantagem expõe o problema da filosofia primeira para Hegel, que ganha uma solução numa concepção segundo a qual permitir pressupostos ou asserções no considerar pensante e, por conseguinte no trato filosófico, é inadmissível [HEGEL, 1995 (1830), p. 39 e 40, § 1].

É importante salientar que Hegel tem uma postura peculiar no que se refere ao conhecer frente à fragmentação das ciências. No século XIX ocorre um processo no qual o conhecimento passa a se particularizar em ciências específicas.

A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, de Hegel, tem por objetivo expressar o verdadeiro em seus desdobramentos enquanto totalidade, no sentido de demonstrar a importância de não se perder a verdade na fragmentação pela qual passavam as ciências. E, para Hegel, a verdade é o objeto da filosofia, mas que não se dá imediatamente, mas somente no decurso do filosofar.

As ciências particulares, embora apresentem imediatamente como dados os seus respectivos objetos e também o método de conhecer, se isoladas do todo, perdem seu sentido, perdem o verdadeiro. Assim, a ciência só é verdadeira se reconhecida na totalidade. Mas, surge por outro lado o problema de demonstrar essa verdade, que só pode ser expressa enquanto totalidade, mas a totalidade não pode admitir pressupostos, pois se tivesse pressupostos não seria totalidade, algo lhe antecederia. Nesse sentido, se faz o questionamento de como proceder para que esse discurso dê conta de si mesmo, sem recorrer a pressupostos ou asserções, eis o problema da filosofia primeira em Hegel.

Neste artigo, abordamos de forma breve o problema da filosofia primeira no sistema hegeliano, analisando alguns elementos da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, onde Hegel discute o problema e, também na *Fenomenologia do Espírito*, texto considerado introdutório ao sistema.

### 1. A filosofia não admite pressupostos ou asserções

De acordo com a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, a filosofia é definida como uma consideração pensante dos objetos, mas que se distingue de outras formas do pensar, pois é conceitual [HEGEL, 1995 (1830), p. 40-41, § 2] e tem como objeto a verdade [HEGEL, 1995 (1830), p. 39, § 1], que na *Fenomenologia do Espírito* Hegel afirma ser o todo [HEGEL, 2002 (1807), §20, p. 31]:

O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento. Sobre o absoluto, deve-se dizer que é essencialmente *resultado*; que só no *fim* é o que é na verdade. Sua natureza consiste justo nisso: em ser algo efetivo, em ser sujeito ou vir-a-ser-de-si-mesmo. [HEGEL, 2002 (1807), §20, p. 31, v. I, grifos do autor]

O verdadeiro é o todo, mas a totalidade, o ser em-si mesmo em sua imetiatez é indeterminado. Por outro lado, o ser só é reconhecido ao se determinar; entretanto, se ele se determina ele não é mais em sua totalidade infinita e se perde. Mas ao reconhecer que é um tornar-se, há o reconhecimento do sendo não mais enquanto perda, mas em seu desenvolvimento pela mediação da atividade espiritual, o sujeito, o pôr-se de si. Em outras palavras, para que haja determinação é necessária a alienação (*Entfremdung*), o tornar-se outro de si, e nisso se exprime o caráter negativo do

ser, tendo em vista que se configura pela mediação, o tornar-se que é ele mesmo. Assim, só pode haver o reconhecimento da verdade no resultado em sua unidade com os meios que o fizeram realizar.

Segundo a perspectiva da filosofia especulativa hegeliana, o começo enquanto ser imediato já é um autodeterminar-se do pensar, daquilo que Hegel denomina “ideia”, pois é um negar-se, enquanto movimento do conceito que julga e se põe enquanto negativo de si mesmo. Desse modo, o método filosófico especulativo é ao mesmo tempo analítico e sintético, pois procede analiticamente acolhendo passivamente seu objeto enquanto espectador de si mesmo e, por isso, procede sinteticamente, pois é ele mesmo a própria atividade. Assim, o pensar é em si e por si mesmo, autodeterminante, livre, não necessita de nada externo a si. E, por isso, não pode ter pressupostos.

Desse modo, sob a perspectiva hegeliana, a ciência filosófica enquanto verdade só pode conhecer o que se coloca como resultado de mediações do ser enquanto sujeito, autodeterminação, o pensar enquanto ideia.

No § 214 da *Enciclopédia*, Hegel traz diversas definições de ideia:

A ideia pode ser compreendida:  
como *razão* (essa é a significação filosófica própria para *razão*);  
como *sujeito-objeto*, além disso;  
como a *unidade do ideal e do real; do finito e do infinito; da alma e do corpo*;  
como a *possibilidade que tem, nela mesma, sua efetividade*;  
como aquilo cuja natureza só pode ser *concebida como existente* etc.; porque na ideia estão contidas todas as relações do entendimento, mas em seu *infinito* retorno e identidade em si mesmos. [HEGEL, 1995 (1830), p. 350, § 214, grifos do autor]

Enquanto autodeterminar-se de si a ideia é livre e se põe no movimento em sua negatividade. Assim, progride enquanto juízo posto da ideia, enquanto reflexão, suprassumindo dialeticamente sua imediatez na diferença em relação a si mesma, na diferenciação entre o singular e o universal no conceito, que é o mesmo universal, diferenciando e sendo em identidade em que os dois termos se colocam em reconhecimento recíproco na totalidade, sendo uma unidade não-unilateral. Com isso, a contradição se resolve no fim

enquanto posta como o que é no conceito. Nesse sentido, o conceito se conclui junto consigo, pois sendo em si por sua diferença, suprassumiu a mesma e se pôs como conceito realizado, que fez desvanecer a aparência na ideia enquanto totalidade una.

Assim, o método exprime os momentos do conceito em sua determinidade na totalidade sistemática da ideia e não como forma exterior. E, por ser autodeterminante, livre, a ideia se deixa sair de si, determinando-se no seu outro, a natureza, enquanto ideia imediata refletida, que retorna a si em sua eternidade, enriquecida pela finitude enquanto espírito.

Sob a perspectiva hegeliana da Ciência da Lógica expressa na *Enciclopédia* § 213, a ideia é a unidade absoluta do conceito e da objetividade, sendo o verdadeiro em si e para si. A ideia é a verdade, pois é a correspondência da objetividade e do conceito e não a mera correspondência entre as representações da subjetividade e as coisas exteriores; nada lhe é exterior. O conteúdo ideal da ideia são as determinações do conceito, e, o conteúdo real da ideia é a exposição do conceito na forma, na exterioridade do ser-aí. As coisas singulares não são autônomas, mas só são em sua relação com a unidade da ideia, que se torna efetiva como espírito enquanto sujeito. Nas palavras de Hegel:

[...] O absoluto é a ideia universal e *una*, que enquanto *ulgante* se particulariza no sistema das ideias determinadas, que, no entanto, só consistem em retornar à ideia una: à sua verdade. É por esse juízo que a ideia é, *antes de tudo*, somente a *substância* una, universal; mas sua efetividade verdadeira, desenvolvida, é ser como *sujeito* e, assim, como espírito. [HEGEL, 1995 (1830), p. 349, § 213, grifos do autor, adendo]

A ideia não é para Hegel uma mera abstração e nem puramente formal, pois ela tem o conceito em seu retorno negativo de si a si mesma, enquanto subjetividade, não uma subjetividade finita, mas a subjetividade pura, enquanto pôr-se. Desse modo, a ideia é essencialmente concreta, pois o conceito em sua liberdade se determina na efetividade, na unidade do ideal e do real. A ideia, assim, não está num mais além, mas é o “absolutamente presente” e está em cada consciência, mesmo que distorcida, sendo o imediato e o mediado. Os graus considerados na Lógica hegeliana, o

ser e a essência, assim como a objetividade e o conceito não são diferenças fixas, mas dialéticas, enquanto momentos da ideia especulativa autodeterminante, que tem seu conteúdo como aquilo que se produziu e se produz no âmbito do espírito vivo, “conteúdo que se tornou mundo” [HEGEL, 1969 (1830), p. 73, § 6], a efetividade.

Nesse sentido, a filosofia enquanto consideração pensante conceitual exprime a necessidade de sua consonância com a realidade e a experiência. Nela se realiza a reconciliação entre a “razão consciente-de-si com a razão essente com a efetividade” [HEGEL, 1995 (1830), p. 44, § 6], a unidade da ideia em sua exterioridade com a ideia em sua interioridade, da ideia que se exprime em seu ser fora-de-si consigo mesma na unidade especulativa da universalidade concreta do ser e do pensar na interioridade de si. Desse modo, é pela filosofia que se constitui essa reconciliação do ser consigo mesmo, no adentrar-se do pensar sobre si mesmo, sem pressupostos, sendo ele mesmo a atividade, e, por isso sujeito, e o objeto de si.

## 2. A justificação da filosofia

O pensar [que é o] da maneira filosófica de conhecer precisa, ele mesmo, tanto de ser apreendido segundo sua necessidade como também de ser justificado por sua capacidade de conhecer os objetos absolutos. Mas, uma tal intelecção é, ela mesma, um conhecer filosófico, que portanto só incide no interior da filosofia. Uma explicação *prévia* deveria, por isso, ser uma explicação não-filosófica, e não poderia ser mais que um tecido de pressuposições, asseverações e raciocínios, isto é, de afirmações contingentes, contra as quais se poderia sustentar com o mesmo direito afirmações opostas. raciocinações [HEGEL, 1995 (1830), p. 49, § 10]

Segundo a perspectiva hegeliana, não há como justificar a filosofia a não ser filosofando. Essa concepção da filosofia primeira que é uma expressão da concepção do pensar como ideia, da verdade como o todo que se implementa na atuação do ser como sujeito, a subjetividade pura. Essa concepção se apresenta como uma resposta à filosofia kantiana. Segundo Hegel, para se aventurar ao conhecimento, a Filosofia Crítica de Kant necessita averiguar o instrumento do conhecer. Hegel [1969 (1830), p. 78-79, § 10] questiona se esse averiguar não é ele próprio um conhecer, ironizando Kant no

adendo ao § 10 da *Enciclopédia*, se seria possível nadar se não se entra na água. Portanto, uma explicação prévia à filosofia não condiz à necessidade do filosofar.

Hegel explica a necessidade da filosofia pela autodeterminação do pensar que a si se satisfaz ao voltar-se para dentro de si, em sua “mais elevada interioridade”, ele mesmo [HEGEL, 1969 (1830), p. 80, § 11]. Segundo Hegel [1995 (1830), p. 51, § 11], o espírito, que é a ideia que se exteriorizou na natureza e a si retorna, que na sensibilidade intui, que na fantasia expressa imagens, que como vontade exprime fins e quando tem por objeto a si mesmo é o pensar. A filosofia é a forma do pensar nele mesmo, que expressa o pensar pensando a si mesmo, na unidade de ser e pensar no conceito. Em seus desdobramentos, o pensar soluciona os problemas que a si mesmo constituiu. É na exterioridade de suas determinações que o pensar se exprime enquanto história da filosofia.

De acordo com Hegel [2006 (1820), p. 24], embora a história da filosofia apresente aparentemente oposições entre perspectivas filosóficas distintas, a verdade é uma só e a história da filosofia tratará do conhecimento do desenvolvimento da totalidade do si espiritual, da verdade enquanto totalidade, do único e mesmo pensar que se exteriorizou na História da Filosofia em diversas determinações, mas que nos desdobramentos do sistema hegeliano se reconcilia consigo mesmo. Portanto, a história da filosofia, para Hegel, deve ser concebida enquanto desenvolvimento dessa totalidade:

[...] É *uma* ideia no todo e em todos os seus membros, do mesmo modo que num indivíduo palpita, em todos os membros, *uma* vida e se ouve *uma* pulsação. Todas as partes que nela sobressaem e a sistematização das mesmas provêm da Ideia única; todas estas especificações constituem somente espelhos e cópias de *uma* vitalidade; têm a sua realidade efetiva unicamente nesta unidade, e as suas diferenças, as suas diversas determinidades são em conjunto apenas a expressão e a *forma* contida na *Ideia*. [...] Como a filosofia é sistema em desdobramento; igualmente o é também a história da filosofia, e este é o ponto central, o conceito fundamental, que esta abordagem da história irá expor. [HEGEL, 2006 (1820), p. 28, grifos do autor]

Portanto, os conceitos filosóficos expressos nas determinações da História da filosofia são expressões de um único e o mesmo pensar que se expressa em sua totalidade no sistema filosófico de Hegel. Sob essa

perspectiva, cada determinação da História da Filosofia constituiu uma contribuição importante para o próprio sistema filosófico hegeliano, sendo que os conceitos determinados desses momentos do espírito na História da Filosofia são refundidos, metamorfoseados e preservados, ganhando novo sentido sob a totalidade do sistema hegeliano.

[...] A sua *vida* [a vida do Espírito] *é ação*. A ação tem como pressuposto um material prévio, a que se dirige e que ela não aumenta simplesmente, ou amplia mediante a adição de material, mas essencialmente *refunde e transforma*. Uma tal herança é ao mesmo tempo recepção e tomada de posse e legado; e simultaneamente reduz-se a material, que é metamorfoseado pelo espírito. O que se recebeu foi deste modo modificado e enriquecido e, ao mesmo tempo, preservado. [HEGEL, 2006 (1816), p. 18, grifos do autor]

De acordo com Hegel, os desdobramentos que se encontram na História da Filosofia podem ser encontrados na filosofia mesma, em seu sistema filosófico, no elemento do pensar autodeterminante, livre da exterioridade histórica. Esse pensamento livre, é concreto, e, por isso é a ideia, que na universalidade é o absoluto. A Ciência do pensar verdadeiro, segundo Hegel [1995 (1830), p. 55, § 14], só pode se constituir em sistema, porquanto se desdobra sobre si mesmo, no reconhecimento de suas próprias determinações que se exteriorizaram e que retornam a si por si mesmo, no seu sentido mais elevado, ele mesmo, o pensar em sua liberdade no todo, sem qualquer asserção ou pressuposto, pois é, segundo o filósofo, em si e por si mesmo, autodeterminante.

Nesse sentido, uma filosofia que necessite de algo que lhe anteceda, como, por exemplo, uma intuição subjetiva, não condiz à necessidade da filosofia, porque não está no seu elemento voltando-se para si mesmo, não é livre, depende de um outro que não ele mesmo. Eis a crítica hegeliana à filosofia de Schelling que fundamenta sua filosofia no elemento da intuição intelectual, numa relação sujeito objeto de caráter objetivo.

Podemos notar, desse modo, que a concepção sistemática hegeliana na qual o pensar se volta sobre si mesmo, além de ser uma defesa do pensamento em sua liberdade na totalidade do sistema é uma crítica à filosofia de Kant, que precisa aprender a nadar antes de entrar na água, conhecer o conhecer para conhecer (segundo a perspectiva hegeliana, um absurdo

completo) e também uma crítica às filosofias de Fichte, que aprofunda o caráter subjetivo do pensamento kantiano, absolutizando unilateralmente a consciência, numa relação sujeito-objeto de caráter subjetivo e uma crítica à filosofia de Schelling, à intuição intelectual, uma espécie de remendo ao pensar puro, de caráter objetivo.

Ao conceber a filosofia em sistema, Hegel sobrepuja o reino da opinião e da mera subjetividade, pois considera que indo por um desses caminhos, seria parcial, constituindo pressupostos infundados. A concepção da filosofia em sistema é sob a perspectiva hegeliana expressão da verdade em sua totalidade, que no sistema, expressa seu princípio ao fim de sua própria exposição, cientificamente, na unidade do conceito.

Esse conceito da filosofia é a ideia que *se pensa*, a verdade que sabe (§ 236): o lógico com a significação de ser a universalidade *verificada* no conteúdo concreto como em sua efetividade. Desse modo, a ciência retornou ao seu começo; e o lógico é assim seu *resultado*, enquanto [é] o *espiritual*, que do julgar, no qual era somente *em si*, e o começo algo de imediato – se elevou desse modo ao seu puro princípio, ao mesmo tempo como ao seu elemento, a partir da *aparência*, que nele tinha, nesse julgar. [HEGEL, 1995 (1830), v. III, p. 363, § 574, grifos do autor]

Portanto, é pelo pensar na forma do conceito que a consideração pensante prova e mostra a necessidade de seu conteúdo. Ou seja, o pensar somente em si e por si mesmo pode provar suas determinações, e nesse sentido, não pode admitir pressupostos ou asserções; o pensar, que é a ideia (*razão*), por ser em si e por si mesma [HEGEL, 1969 (1830), p. 73, § 6] é a realidade efetiva, aquilo que se produz e se produziu no espírito vivo. Assim sendo, segundo Hegel, o pensar é em si e por si mesmo e por isso não admite pressupostos ou asserções.

### **Considerações finais**

No que se refere à filosofia primeira no sistema hegeliano, arriscamos a afirmar pelo que pudemos depreender que Hegel constitui essa concepção filosófica que não admite pressupostos ou asserções por conta de sua fundamentação no conceito de totalidade, na concepção de que a verdade é o todo que não permite que exista nada externo à ideia absoluta. Sendo assim, só

se pode filosofar filosofando. Entretanto, constituindo uma consideração externa ao sistema hegeliano, pode-se questionar se a concepção da verdade enquanto totalidade é uma arbitrariedade e a partir dessa arbitrariedade se fundamentaria uma concepção filosófica destituída de pressupostos ou asserções, como é o sistema filosófico exposto por Hegel.

### **Referências**

HEGEL, G. W. F. **Lecciones sobre la Historia de la Filosofia**. Tradução Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1955. Tomo Segundo.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)** Tradução Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995. v. I. (O pensamento ocidental).

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830)** Tradução Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995. v. III. (O pensamento ocidental).

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1969. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Introdução a história da filosofia**. [Einleitung in die Geschichte der Philosophie]. Artur Morão (Trad.). Lisboa: Edições 70, 2006.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2002 (1807).

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia do Espírito (Prefácio, Introdução, caps I e II)**. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Nova Cultural: 1999.

### **Endereço Postal:**

Rodovia Washington Luís, km 235  
Caixa Postal 676  
CEP: 13565-905  
São Carlos - São Paulo

**Data de Recebimento:** 30 de outubro de 2013;

**Data de Aceite para Publicação:** 21 de julho de 2014;